

## Primeiras notícias sobre a coleção Afro-Religiosa do Museu Antropológico Estácio de Lima

### First news about the Afro-Religious collection of the Estácio de Lima Anthropological Museum

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v1i22.43747

#### Resumo

Este ensaio tem por objetivo apresentar a coleção de objetos religiosos oriundos do Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima, depositados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia - MAFRO, desde 2010. Não serão aprofundadas questões relacionadas ao processo da recolha de tais objetos para o Estácio de Lima, e suas implicações éticas, ainda assim, serão abordadas algumas questões relacionadas ao seu histórico, para auxiliar na compreensão do contexto da sua transferência para o MAFRO. O objetivo principal do texto é apresentar a coleção e os processos implementados para a sua salvaguarda no Museu Afro-Brasileiro.

#### Palavras-chave

Coleções; Exposições; Arte Sacra afro-brasileira; Museu Afro-Brasileiro - UFBA; Museu Estácio de Lima.

#### Abstract

This essay aims to present religious objects belonging to the Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima (Anthropological and Ethnographic Museum Estácio de Lima) that are in the care of the Museu Afro-Brasileiro (MAFRO) of the Universidade Federal da Bahia (Afro-Brazilian Museum at the Federal University of Bahia) since 2010. At that same period I've taken over the curatorship of the collection. In this essay, questions related to the process of collecting such objects for the Estácio de Lima, and their ethical implications will not be discussed in depth. Nevertheless will be addressed issues related to their history to assist in understanding the context of their transfer to MAFRO. The main objective of the article is to present the collection and the processes implemented to safeguard it at the Museu Afro-Brasileiro.

#### Keyword

Collections; Exhibitions Afro-Brazilian Sacred Art; Afro-Brazilian Museum – UFBA; Estacio de Lima Museum.

<sup>1</sup> Graduado em Museologia e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia. Doutor em História Social (PUC São Paulo - 2006). Pós-Doutor em Museologia (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - Lisboa - Portugal). Professor do Departamento de Museologia, a graduação em Pós-Graduação em Museologia, da UFBA; do Programa Multidisciplinar de Estudos Étnicos e Africanos (POSAFRO - UFBA) e Programa de Estudos Pós-Graduados em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (Lisboa - Portugal). Atual Coordenador do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. Pesquisa questões relacionadas às memórias e processos patrimoniais com ênfase em temas africanos e afro-brasileiros. Tem experiência em ações museológicas, com destaque para a gestão institucional e produção e análise de exposições relacionadas ao Patrimônio Africano e Afro-Brasileiro.

## Origens do Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima

Quando se considera a origem do Museu Estácio de Lima,<sup>2</sup> também conhecido como Museu do Nina, há um movimento a relacioná-lo à antiga coleção do médico Raimundo Nina Rodrigues,<sup>3</sup> na Faculdade de Medicina, formada em fins do século XIX. No entanto, apesar de identificarmos ligações indiretas, não há evidência material e/ou documental que indique tal relação. Sua origem está articulada à Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia e ao Departamento de Polícia Técnica da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, como um contínuo da experiência de Nina Rodrigues, mas igualmente a um contexto maior, relacionado à formação em Medicina, na Europa e no Brasil, que considerava essencial a existência de “museus” e coleções científicas voltados para o auxílio prático ao ensino. Ao examinarmos as Memórias Anais da Faculdade de Medicina e também a sua publicação *Gazeta Médica*, encontramos vários rastros, por vezes pouco elucidativos e confusos, sobre a existência de tais iniciativas e coleções médicas e etnográficas, desde a segunda metade do século XIX, sendo do ano de 1891 a referência mais antiga que encontramos.

Museu – [...] Existem, no museu, atualmente 177 peças, sendo 137 modeladas em cera, 1 em gesso e 12 ósseas, todas em bom estado e mais 27 também modeladas em cera, porém estragadas. Lembrando de novo a v. sa. ex. (sic) a aquisição de um modelador para a reprodução dos casos interessantes, que se apresentarem nas diversas clínicas do curso médico e cirúrgico ...”. (FONSECA, 1893: 53-54).

Talvez esse museu citado, seja o mesmo constante em relatório relativo a processo ocorrido em 1882, a partir de solicitação do ministro do Império, para que fosse apresentado orçamento para a instalação de novos laboratórios na Faculdade. Para tal, foi formada uma comissão para emitir parecer para “[...] projeto e orçamento dos trabalhos de engenharia para o edifício e anexos onde deveriam funcionar os laboratórios, gabinetes e museus” (BRITTO, 2006: 66). No relatório produzido, que indicava urgência de ampliação do espaço físico ocupado pela Faculdade, constam propostas de novas construções, reformas de espaços existentes e reordenamento. Entre tais questões encontramos o tema museu.

Respeitante à biblioteca, não poderia permanecer onde estava instalada em razão do pouco espaço... A sala onde estava estabelecida a biblioteca seria transformada em museu e laboratório de Botânica e Zoologia, que deveria ser ampliada pela banda do museu que era prolongamento da dita sala com a eliminação das suas divisões. A antiga secretaria, que se prestava para sala de aulas, seria destinada ao museu de Mineralogia. (BRITTO, 2006: 66).

2 Sobre o Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima, ver o artigo de nossa autoria: *Corpos, Discursos e Exposições: A Coleção do Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima (Bahia, Brasil)*, na publicação *Museologia e Patrimônio*, vol. 2, do Instituto Politécnico de Leiria, P.107-145, publicado em 2019. Link: <https://www.ipleiria.pt/eseccs/museologia-e-patrimonio-volume-2/>

3 Nasceu a 4/12/1862, no Maranhão. Em 1882 ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, permanecendo até o quarto ano (1885), quando se transferiu para a Faculdade do Rio de Janeiro. Assumiu em 1889, a Cadeira de Clínica Médica na Faculdade da Bahia. Publicou, na *Gazeta e no Brasil Médico*, do Rio de Janeiro, o artigo *Os mestiços brasileiros*, classificado como ‘anthropologia patológica’, inaugurando nacionalmente a difusão de teorias raciais sobre a população brasileira. Em 1891 foi criada a Cadeira de Medicina Legal nas Faculdades de Direito, instituindo-se o ensino prático nas delegacias. Por conta da Medicina Legal, anunciou em 1892 a intenção de criar um museu dedicado a este tema.

No entanto, em Memória Histórica de 1885, está registrado que o não cumprimento da liberação dos recursos impediu vários melhoramentos previstos, como se vê na passagem abaixo:

Lamentava-se o vice-diretor, Dr. Pacífico Pereira, em 8 de abril de 1884: O laboratório de pharmacia ficará no mesmo local acanhado e deficiente em que tem estado até agora. Não haverá espaço para o museu de botânica e zoologia, e ficam sem área para suas instalações os laboratórios de hygiene, de toxicologia e de botânica e zoologia. (SARAIVA, 1885: 34).

A alusão a esse museu coincide com o estabelecido no *Código de disposições comuns às instituições de ensino superior dependentes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores* de 1892, que definia, entre outras questões, no capítulo intitulado *Dos lentes e auxiliares de ensino* (Art.46) que “Haverá nas Faculdades de Medicina um chefe de trabalhos anatômicos e do museu anatomo-patológico, assistentes, internos de clínica e parteiras, cujo número, deveres e direitos serão consignados nos regulamentos especiais” (GAZETA MÉDICA, 1893: 305). Já a Gazeta Médica de 1901, indica a existência de “[...] um museu muito bem começado e uma biblioteca [...]” (GAZETA MÉDICA, 1901: 428). Dois anos mais tarde, em relatório do diretor Alfredo Britto encontramos referência a um museu anatômico “... transferido para as duas salas contíguas à secretaria..” (GAZETA MÉDICA, 1903: 454-455). Ainda que sejam poucos os dados que permitam definir de modo preciso a configuração dessas coleções, é perceptível que a anatomia era uma questão recorrente.

O tema Museu novamente aparece em 1906:

O Museu Anatômico já se acha definitivamente instalado em cômodo recentemente construído. Lamentável é o seu estado de pobreza achando-se desprovido completamente do material indispensável para o fim a que é destinado. Existem apenas algumas peças que escaparam do incêndio. A designação de verbas, a criação de um lugar de modelador, à exemplo do que se faz na Faculdade do Rio de Janeiro, é indispensável para que possa prestar serviços ao ensino. [...] (FREITAS, 1906: 30- 31).

E ainda em 1908:

**Museu** - É esta uma das seções menos favorecida da Faculdade. Em face da grande importância que representam as peças anatômicas no ensino da Medicina, a pobreza do museu da Faculdade só encontra explicação na falta de verba para compra de espécimes anatômicos, dos utensílios indispensáveis a conservação das peças frescas e principalmente na carência de um modelador que reproduza os espécimes que se apresentam nas clínicas da Faculdade. É preciso que tão útil instituição seja dotada de coleções que, representando os variados espécimes da patologia e dos diversos ramos da anatomia, o coloquem em condições de poder satisfazer os seus elevados destinos. (PACHECO, 1908: s.p.).

Sobre legislação relativa à criação de museus na Faculdade, é preciso citar a lei n.º 3141, de 30 de Outubro de 1882 que aprovava o regulamento de 12 de março de 1881, que exigia prova prática nos exames das diversas séries do curso acadêmico e criava 14 laboratórios, gabinetes e museus. As obras indicadas no relatório de 1882, enfim, foram concluídas em 1889, ainda que a proposta constante no relatório tenha sido adaptada, com redução dos espaços previstos, finalizando-se as benfeitorias do edifício em que funcionava a faculdade e contruindo-se dois pavilhões dos que tinham sido previstos. Ainda assim:

[...] o laboratório de Botânica e Zoologia não era bastante arejado e tinha espaço acanhado; o laboratório de Anatomia Cirúrgica e Comparada, instalado numa dependência assaz estreita, e quente, escura e de péssima ventilação. No mesmo andar superior estava instalada a biblioteca ...A dita biblioteca achava-se instalada em uma sala longa e apertada, qual um corredor, contígua à Catedral, a qual, não obstante ter sido ampliada pela retirada do laboratório de botânica, que invadia uma das extremidades, permanecia mal arejada, acanhada, e inadequada para funcionar como biblioteca, além de ter na sua adjacência a morgue e o ruído deletério das maquinarias do elevador Plano Inclinado. ... O museu ocupava restrita parte do andar superior e permanecia muito mal colocado e apertado pela situação de adjacência dos dois ditos laboratórios. (BRITTO, 2006: 69).

Diante da recorrência da palavra museu, encontrada mitas vezes em outras notas da Faculdade, é importante considerar que, à época, coleções científicas podiam ser denominadas genericamente de museu, sem que efetivamente existisse uma configuração precisa relacionada a dinâmicas específicas, como, por exemplo, o acesso de público externo. Nesse contexto do tratamento e exibição de peças existentes na Faculdade de Medicina destaca-se, desde meados do século XIX, o espaço que foi criado pelo professor Jonathas Abbott.<sup>4</sup> Memória do início do século XX apresenta detalhes indicando que este era um espaço de destaque e com grande importância para a comunidade médica acadêmica.

**Museu** - Desde 1856 esta instituição em nossa Faculdade, iniciada a esforços do emérito catedrático conselheiro Jonathas Abott, que com seus discípulos criou e enriqueceu, com avultado número de peças anatômicas bem interessantes, um gabinete que mais tarde, em homenagem aos relevantes serviços de seu fundador, teve o nome de 'Gabinete Abott'. [...] O atual Museu ocupa uma boa sala no pavimento superior do antigo edifício, está em via de uma restauração e conveniente organização. [...] Para essa salutar reforma muito deve concorrer a louvável lembrança do nosso colega Braz do Amaral [...] propôs, [...] que 'a Congregação, fazendo um apelo aos professores da clínica, resolva reconstituir ... um Museu digno do progresso que vai tendo este instituto, para o que é necessário autopsiar todos os cadáveres das clínicas (salvo os impedimentos regulamentares), afim de reparar e conservar as lesões, que serão conservadas, aproveitando-se sempre o maior número de preparações que for possível tirar de cada caso' [...] Desta forma é de crer que por todo o ano de 1910 esteja o Museu em condições de se satisfazer os fins para que foi tão utilmente criado. O Museu se acha atualmente anexo ao laboratório de Anatomia e Fisiologia Patológicas. (CARVALHO FILHO, 1910: 46-47).

O avanço da Medicina Legal na Bahia, em início do século XX, provocou discussões relativas à importância da existência de coleções e museus relacionados ao tema. O decreto de 1912, relacionado à sistematização do Serviço Médico Legal do Estado da Bahia, previa que:

Art. 128 - Haverá no Instituto Nina Rodrigues um Museu Médico Legal, pertencente à Faculdade de Medicina, destinado à instrução pública dos agentes de segurança [...] Art. 129 - As autoridades policiais e judiciárias do Estado deverão concorrer para a organização do Museu Médico-Legal, remetendo ao instituto instrumentos,

<sup>4</sup> Nasceu em Londres, a 6/08/1796 e faleceu no Caminho Novo do Gravatá (?) a 8/03/1868. Naturalizado brasileiro em 1821. Começou na Escola de Cirurgia da Bahia como servente, formou-se em 1820, e chegou a titular da cadeira de Anatomia. Fundou e presidiu a Sociedade de Belas Artes, em 1856. Colecionador de arte, legou sua coleção particular ao Estado, dando origem a uma Pinacoteca, que depois seria a base de criação do Museu do Estado da Bahia, posteriormente Museu de Arte da Bahia.

fotografias e mais objetos relativos aos crimes e fazendo devolver oportunamente as peças e preparações que, junto aos autos, tiverem de figurar nos processos. [...] Art. 135 A disposição e a classificação dos objetos do Museu obedecerão ao plano que for organizado pelo professor ordinário de medicina legal da Faculdade de Medicina. (GAZETA MÉDICA, 1913a: 310-311).

Não encontramos evidências precisas que confirmem a instalação desse museu. Na Gazeta Médica de 1922 em matéria sobre as reformas do ensino médico, a partir de considerações sobre providências para dar conta da reorganização da Faculdade, era afirmado que a Faculdade deveria empenhar-se na organização do seu museu, arquivo clínico e coleções voltadas para a instrução prática de mestres e alunos.

A partir desse breve panorama, que não teve a intenção de esgotar as informações sobre o “cenário museológico” da Faculdade de Medicina, é possível afirmar que, independente da configuração geral dessas iniciativas, é fato que o Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima está diretamente relacionado ao passado museológico e epistêmico da Faculdade, ainda que isso não implique que o seu acervo tenha sido herdado de tais iniciativas. Pelo menos não encontramos nenhum documento que indique isso. Por outro lado, sua relação com o Departamento de Polícia Técnica da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia se deu, inicialmente, quando os serviços de Medicina Legal, anteriormente associados à Faculdade de Medicina, passaram a ser responsabilidade do Estado, tendo por consequência a transferência do Museu, por sua ligação, desde origem, com a Medicina Legal, da esfera da Universidade Federal, e de suas instalações no Centro Histórico de Salvador, para o Departamento de Polícia Técnica do Estado, situado nas instalações inauguradas, na década de 1970, no Vale dos Barris, onde passou a ser apresentado com visitação ainda maior do que o que ocorria na sua sede anterior.

Sobre a Genealogia do Museu Estácio de Lima, ainda que com informações um tanto imprecisas, encontramos *fax* encaminhado pela Superintendência de Cultura do Estado para a Diretoria de Museus do Estado, onde se lê que:

O Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima foi criado ... anexo ao Instituto Médico Legal. A sua denominação foi um reconhecimento aos trabalhos do Prof. Estácio Luis Valente de Lima, mentor e seguidor dos passos dos mestres Nina Rodrigues e Oscar Freire. No ano de 1901, Nina reúne coleções de Antropologia física, Antropologia Criminal, Antropologia Cultural e Anatomia Patológica e forma o Museu do Laboratório de Medicina Legal, em que preservava objetos das culturas das raças formadoras do povo baiano, portanto objetos indígenas, afro e indo-europeus. Grande parte deste acervo foi destruído em incêndio ocorrido em 1905. Em 1915, o professor Oscar Freire de Carvalho, então titular da cadeira de Medicina Legal, fez reinaugurar o Museu, aproveitando peças salvas do incêndio, e acrescentando novos materiais, principalmente coleções de peças históricas da Guerra de Canudos. Quando da ocupação da cátedra de Medicina Legal, em 1926, pelo prof. Estácio de Lima, o Museu é novamente revitalizado e em 1958 em reconhecimento ao trabalho do prof. Estácio de Lima,<sup>5</sup> por

5 Estácio Luiz Valente de Lima. Nasceu em 1897, em Alagoas. Faleceu em 1984, em Salvador, aos 87 anos. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1916. Em 1926 foi aprovado como professor catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina e empossado diretor do serviço Médico Legal do Estado, o Instituto Nina Rodrigues. Criou o Laboratório de Criminalística “Afrânio Peixoto”, anexo ao Instituto Nina Rodrigues, em 1929. Realizou na década de 1930 estudos antropológicos e de sociologia criminal sobre o cangaço, estudando alguns cangaceiros, ainda vivos e também através de estudos craniométricos. Em 1956 inaugurou o Museu Estácio de Lima. Na década de 1960 realizou pesquisas sobre a cultura e a civilização negra na África Ocidental. Reinaugura o Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima em 1978, que

Primeiras notícias sobre a coleção Afro-Religiosa do Museu Antropológico Estácio de Lima

força de depósito legal, o então governador Juraci Magalhães, cria o Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima, como repartição do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues. (SUPERINTENDÊNCIA, 1999: s.p.).

Vale ressaltar que apesar desse documento indicar relação direta de parte do atual acervo com a antiga coleção do médico Nina Rodrigues, não há nenhuma documentação que comprove essa situação. Inclusive, a única fotografia que encontramos até então do acervo do Nina, publicada na sua obra *Os africanos no Brasil*, não contém nenhum objeto que possamos identificar como presentes na atual Coleção Estácio de Lima. Ainda que também seja marcada por imprecisões, as notícias que se referem aos destinos da coleção original formada pelo professor Nina Rodrigues, nos informam que os objetos, em sua grande maioria, foram perdidos em incêndio que atingiu vários espaços do prédio da Faculdade, na noite do dia 02 de março de 1905. Vale lembrar que o professor Estácio de Lima não chegou a conhecer o antigo museu do Professor Nina Rodrigues e nem mesmo o seu mestre inspirador, pois a sua chegada a Salvador foi posterior ao incêndio e morte de Nina.

### O Museu Etnológico e Antropológico Estácio de Lima

Nossas considerações sobre o Estácio de Lima estão ancoradas no corpo documental e de evidências recolhidas para a reconstrução da sua história. Desde que assumimos a curadoria do Acervo Afro-Religioso oriundo do Estácio, a partir do seu depósito no MAFRO, em 2010, e após esgotadas todas as possibilidades de interpretação dos objetos, para além das suas características físicas, devido à inexistência de qualquer documentação complementar que acompanhasse o depósito, nos inquietamos com a busca de informações que permitam constextualizar o acervo e sua realidade expositiva no museu de origem. Em certa medida, o que estamos realizando ao longo dessa última década é um processo heurístico relativo ao Museu, a partir de fragmentos e evidências que temos coletado, ainda que saibamos que existem fundos que ainda precisam ser explorados, como os arquivos administrativos da Faculdade de Medicina, até o momento não suficientemente explorados por nós.

No ano de 2013, fomos procurados pela curadoria da 3ª. Bienal da Bahia,<sup>6</sup> intreressada em expor o acervo do Estácio sob nossa guarda, pretensão a qual não acatamos, por acerditar que aquele momento era precoce para tal exposição, que não poderia ser marcada apenas pelo expor por expor, mas sobretudo por uma reflexão crítica sobre o acervo, a partir de resultados de investigação, situação ainda não possível à época. Nessa ocasião, por termos estreitado relação com a equipe de curadoria da Bienal, apesar de nossa negativa, acompanhamos grupo de trabalho, em encontro com administrador do Departamento de Polícia Técnica, que nos deu acesso ao acervo e a alguma documentação fragmentada, descontinuada e diversificada, sobre o Museu, seu acervo, exposição e atividades realizadas, ainda existente no local onde funcionou o Estácio. Entre os documentos encontramos uma nota que buscava caracterizar o Estácio e dar

---

em 1979 foi inaugurado no Complexo Arquitetônico dos Barris.

6 As duas primeiras bienais de arte da Bahia ocorreram em 1966 e 1968, fechada abruptamente em decorrência do regime militar. A 3ª. Bienal, realizada pelo Museu de Arte Moderna da Bahia, visava dialogar com as primeiras, refletindo sobre aquele momento e seus reflexos e desdobramentos na atualidade. A Bienal realizada de 29/05 a 07/09 de 2014, ocupou 54 espaços, distribuídos por 32 cidades, com público aproximado de 181 mil pessoas.

conta das suas origens e trajetória histórica. Consideramos bastante importante esse documento pois é uma tentativa da própria instituição de fazer-se entender e definir-se.

Até esta data (1905), o Laboratório de Medicina Legal, com o seu Museu, já bastante enriquecido funcionava na ala que fora adaptada do antigo Hospital da Caridade, após a transferência deste para o bairro de Nazaré. Neste incêndio, dentre as perdas sofridas com o sinistro, incluíram-se 'algumas preciosidades do Museu de Medicina Legal' [...] Em 1915, já Diretor do agora denominado Instituto Médico-legal Nina Rodrigues, Oscar Freire refez o museu, inaugurando-o a 3 de Outubro. Em 1940, registrava Eduardo Mamede, o museu do Nina 'colecciona avultado número de peças de convicção, armas de crimes, projéteis, e, ainda valiosos objetos que muito perto se relacionam com os estudos afro-brasileiros'. [...] o Museu do Instituto Médico-Legal nasceu dos estudos do Prof. Nina Rodrigues sobre a cultura afro e sua influência em nosso meio apesar de Oscar Freire ter retomado o Museu do Nina [...] logo transferiu-se para São Paulo, em 1918, ... ficando então o museu bastante descuidado, até que, em 1926 o Prof. Estácio Luiz Valente de Lima assumiu, tanto a cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Medicina, bem como, por acordo desta, com a Secretaria de Segurança Pública, a direção do Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues. [...] O Prof. Estácio de Lima ficou na direção do Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues até 1967, período este interrompido, apenas por curto período, durante o Estado Novo, em 1937, quando o convênio entre o Serviço Médico-Legal e a Faculdade de Medicina foi desfeito. (SILVA, 1992: 2-6).

Durante muitos anos, a presença de objetos religiosos no espaço do Museu Estácio de Lima foi questionada por setores da sociedade civil, sobretudo aqueles ligados às religiões de matriz africana. Várias foram as tentativas dos representantes do Museu de construção de discursos para explicar e justificar tal presença, como é possível identificar na declaração da Profa. Maria Theresa de Medeiros Pacheco, nesse mesmo texto.

[...] pesquisando e organizando como verdadeiro Mestre da Medicina Legal o Professor Estácio de Lima seguindo o exemplo do mundo civilizado que o acolheu em suas perquirições pela Europa e a África, e no entendimento da importância de um Museu que representasse as origens da antropologia cultural, especificamente na Bahia, mais os assuntos relativos a Medicina Legal e seu vasto campo de conhecimento, procurou ampliar o já existente acervo oriundo de Nina Rodrigues e Oscar Freire, surgindo assim o velho e primeiro documentário da Antropologia Cultural na Bahia sobre o negro, que, a bem da cultura por onde andou em terras estrangeiras, notadamente na África, adquiriu, por conta própria, muitas peças para o seu museu. (SILVA, 1992: 6).

O texto também explica o processo de transferência do Museu para o Complexo dos Barris, em decorrência da inauguração do novo prédio do Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues, a 10 de Março de 1979, já sob a direção da Profa. Maria Theresa de Medeiros Pacheco, discipula do Prof. Estácio de Lima. Informa também que, apesar do reconhecimento da sua importância, o museu passava por problemas relacionados à sua manutenção.

[...] o Museu Estácio de Lima foi instalado em amplas acomodações localizadas na extremidade direita da ala frontal do pavimento térreo do edifício, onde até hoje se situa. Não tem sido fácil a subsistência do Museu do Nina, agora Museu Estácio de Lima, ao longo de sua quase centenária existência, o qual tem sofrido percalços de toda ordem na sua luta pela sobrevivência, que se nutre ape-

nas pela razão consciente daqueles que lhe cabe cuidar, de ser um instrumento de preservação de nossa cultura, que não se constrói apenas de coisas boas, mas que coexistem com as mais variadas manifestações e comportamento humano. Certamente o Museu Estácio de Lima apresenta o grande potencial para a pesquisa histórica e social justamente pelo fato de contextualizar tanto física, quanto social e cultural, diversas fases de nossa sociedade, integrando toda uma obra que permite observar a evolução do pensamento, e do comportamento humano na ótica das ciências sócias, como em essência se caracteriza a Medicina Legal. (SILVA, 1992: 7-8).

## A transferência do acervo para o Museu Afro-Brasileiro

Nossa relação com este acervo afro religioso foi iniciada em 2010 quando, na função de Coordenador do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA), fui consultado pela então Secretária da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – Sepromi – ,<sup>7</sup> Luiza Bairros, sobre a possibilidade e interesse de recebermos a doação desses objetos, que faziam parte do Museu Estácio de Lima, órgão do Departamento de Polícia Técnica do Estado da Bahia. Naquele momento, a Sepromi intermediava, a pedido do Governador do Estado, o processo de retirada desses objetos do Estácio, procurando novo local para receber o acervo e, na compreensão da secretária Luiza Bairros, o MAFRO, por seu desempenho nas questões relacionadas à preservação do patrimônio africano e afro-brasileiro, seria o local apropriado.<sup>8</sup> A transferência, enfim, dava conta da reivindicação de décadas, por parte de movimentos sociais que protestavam contra a permanência de objetos sagrados afro-brasileiros no Museu Estácio de Lima.

Já na década de 90, manifestações e protestos públicos levaram a uma ação judicial, que provocou uma primeira transferência do acervo, que foi depositado em sala especial do Museu da Cidade, da Fundação Gregório de Matos, órgão municipal de Cultura da cidade de Salvador. Este ambiente no Museu da Cidade, denominado Núcleo II do Museu Estácio de Lima, indicava que apesar do deslocamento físico, simbolicamente e administrativamente a coleção continuava relacionada ao Estácio. O acervo passou alguns anos exposto no Museu da cidade, retornando anos depois para o ambiente do Departamento de Polícia Técnica, por conta de liminar apresentada por ex-diretora do Instituto Médico Legal e do Museu, a médica legista Maria Theresa Medeiros Pacheco, discipula do professor Estácio de Lima patrono do Museu. Nesse momento, o Museu Estácio de Lima já estava desativado, ficando as peças depositadas no antigo museu. No momento desse retorno, foi publicada no jornal *A Tarde*, matéria de autoria da jornalista Cleidiana Ramos, denunciando essa operação.

O Ministério Público (MP) vai investigar o retorno de peças referentes ao Candomblé e à cultura afro-brasileira, para o Museu Estácio de Lima, do Departamento de Polícia Técnica (DPT). As peças estavam no Museu da Cidade e tinham sido retiradas do DPT, em 1997, devido a um movimento de religiosos de Candomblé. ... A apuração vai ser feita pelo Núcleo de Direitos Humanos, 9ª. Promo-

7 No ano de 2006 foi criada, pelo Governo do Estado da Bahia, a Sepromi, primeira secretaria no Brasil destinada a tratar de políticas públicas para mulheres, negros e negras, com o objetivo de enfrentar, denunciar e reduzir desigualdades sociais e raciais no estado.

8 Criado em 1974, e inaugurado 1982, pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, com o objetivo de coletar, preservar e divulgar acervos referentes às culturas africanas e afro-brasileiras, visando estreitar relações com a África e compreender a importância deste continente na formação da cultura brasileira, incentivando, por outro lado, contatos com a comunidade local. Sobre o museu ver <http://www.mafro.ceao.ufba.br/>

toria de Justiça da Cidadania e Promotoria de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa. [...] Segundo o diretor do DPT, Raul Barreto Filho, as peças estão embaladas pois o Museu Estácio de Lima, onde elas devem ficar, está fechado para reforma. 'O espaço estava com infiltrações'. Explica. Segundo ele, as peças retornaram devido a uma liminar obtida pela ex-diretora do DPT, Maria Theresa Pacheco, falecida em maio deste ano. A informação sobre o retorno das peças foi confirmada pelo médico e professor Lamartine Lima. Ele nega que as peças sejam sagradas e afirmou que [...] elas foram ciradas por artistas a partir de encomendas de Estácio de Lima. Outras teriam sido adquiridas em viagens à África. [...] Ele contesta o movimento que foi realizado para a retirada das peças. Segundo ele, as acusações de uso indevido de peças sacras [...] De acordo com Lamartine as peças sagradas estavam apenas nas coleções de Nina Rodrigues e de Oscar Freire, que afirma não mais existirem. "Muitas das peças dos museus de Nina e de Oscar Freire tinham sido coletadas em candomblés da Bahia. As do primeiro que era ogã, ofertadas por mães-de-santo, e as do segundo fruto de encaminhamento, pela chefia da polícia, de material recolhido durante a repressão à prática do candomblé. (RAMOS, 18/07/2010).

Nessa mesma matéria, em contraponto às afirmações do professor Lamartine, vemos que:

Para o doutor em Antropologia e professor da Universidade Federal da Bahia, Ordep Serra, o tipo de tratamento dado a essas peças pode ser classificado como 'revoltante'. Ogã da Casa Branca, ele fez parte do movimento que pediu a retirada das peças do museu. 'O movimento foi formado por gente do candomblé [...] Pessoas como eu, Agnelo Pereira, também da casa Branca, com o apoio da ONG Koininía', conta Serra. Provocado, o MP recomendou a retirada das peças do DPT. 'A mostra que se exibia no tal museu tinha armas e instrumentos empregados em crimes, aberrações anatômicas e os objetos do candomblé. [...] Para ele, a exibição construía um discurso que associava o candomblé ao crime. Além disso, segundo Serra, não havia informações sobre as peças. 'Onde estão os registros de compra e da sua origem artística?' Ali tem coisas sagradas, como os otás, pedras sagradas que para os adeptos do candomblé são representações de orixás. Nunca um sacerdote daria aquilo de presente a quem quer que seja. [...] Para o antropólogo, o museu do DPT não pode ser considerado antropológico. 'Nada feito ali segue critérios da antropologia ou etnografia'. Diz. (RAMOS, 18/07/2010).

Alguns dias depois, outra matéria de Cleidiana Ramos, revela que o Governador do Estado, Jacques Wagner, reagiu à denúncia feita na matéria anterior:

As peças ligadas à religião e cultura afro que estão sob a guarda do Departamento de Polícia Técnica (DPT) não voltarão a ser exibidas no Museu Estácio de Lima, mantido pela instituição. [...] Segundo recomendação do governador Jacques Wagner, a Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial (SEPRÓMI) assumiu o comando de ações para dar novo tratamento ao acervo. As peças serão inventariadas e terão procedência investigada para determinar se foram retiradas de terreiro de matriz africana ainda em atividade [...]. (RAMOS, 20/07/2010).

Foi nesse contexto que, em dezembro de 2010, as peças chegaram ao Museu Afro-Brasileiro,<sup>9</sup> por decisão da secretária Luiza Bairros, que entendia que o Museu Afro seria um local seguro para o depósito da coleção, percebido como instituição com competência para desenvolver pesquisas sobre o acervo<sup>10</sup> e promover a sua preservação. Importa dizer, que essa decisão foi apoiada

9 Total de 251 objetos, configurando 196 entradas, considerando-se que alguns objetos são agrupados em conjuntos, como no caso dos assentamentos de orixás.

10 A partir desse depósito foi iniciado processo, inicialmente previsto para doação, que se transformou em

por autoridades do sistema afro-religioso local, ouvidas como intergrantes de comissão criada para esse fim. Foi a partir desse momento que assumimos curadoria que dura até o presente momento.

Ao chegar ao MAFRO, esta coleção vinha acompanhada de muitas questões e hipóteses, não suficientemente resolvidas até o momento. A questão principal e de fundo é a da origem, relacionada ao fato de que este conjunto de objetos está ligado a processos de perseguição e violência direcionados a comunidades afro-religiosas, ocorridos desde o final do século XIX, com ênfase na primeira metade do século XX. Tal associação é baseada em relatos orais, notícias de jornais e registros em documentos oficiais da Delegacia de Jogos e Costumes, órgão repressor responsável pelas operações junto aos terreiros de candomblé, ainda que ao analisarmos os Livros de Registro e Ocorrência desta delegacia, equivalentes ao período de junho de 1938 a setembro de 1969, tenham sido poucos os registros efetivos que encontramos.

O segundo ponto dizia respeito à ausência total de documentação das peças impossibilitando atribuir origem a qualquer uma delas, ou seja, a pretensão de relacionar os objetos a determinadas casas religiosas é completamente impossível de realizar. Deste modo, um desejado repatriamento de objetos para as suas origens não é viável. Ainda assim, a transferência para o museu pode ser considerada como um ato de repatriamento, ainda que simbólico.

Ainda que a ausência de documentação não permita comprovar a origem individual de cada peça, durante o processo de tratamento inicial dos objetos (documentação e limpeza) realizado pela Prof.<sup>a</sup> Maria das Graças Teixeira, coordenadora do Museu no anos seguintes à chegada do acervo, foi possível observar que algumas delas não apresentam nenhum sinal anterior de uso, ou seja, se não há possibilidade efetiva de afirmar a origem de cada objeto, ao menos é possível descartar, em relação à totalidade do conjunto, o uso ritual anterior, já que inexistem pátinas e vestígio de matérias orgânicas que efetivamente estariam presentes nesses casos. Na sequência da chegada do acervo ao MAFRO, em concomitância com o trabalho de limpeza, todos os objetos foram registrados em fichas individuais de identificação, com registro dos dados básicos. No entanto, esse processo limitou-se a registros formais, com realização da análise tipológica.

Importa ressaltar que para o depósito do acervo foi discutida elaboração de um Termo de Cooperação entre o Governo do Estado da Bahia e a Universidade, para que fossem aportados recursos, por parte do Estado, de modo que o MAFRO desenvolvesse as seguintes ações: 1 - Instalação de mobiliário complementar na Reserva Técnica do Museu; 2 - Limpeza e acondicionamento do acervo; 3 - Pesquisa para complementação da documentação do acervo; 4 - Elaboração de um catálogo da coleção e 5 - Produção de Exposição Temporária apresentando o acervo, seu contexto de formação e sua trajetória de utilização. Apesar de ter sido elaborado o Termo, a cooperação não se concretizou, não ocorrendo o aporte previsto. Ainda assim o MAFRO assumiu a responsabilidade de execução das ações que foram possíveis (higienização, armazenamento e documentação preliminar do acervo, bem como o desenvolvimento de pesquisas) através da articulação com o Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, com participação de docentes e discentes, nos níveis de graduação e pós graduação. Nesse contexto, como estratégia de curadoria, desde o ano de

---

Termo de Cessão de Uso, com validade de 10 anos, assinado em 29 de maio de 2012. Após a prorrogação da cessão por seis meses, em 06 de outubro de 2022 foi assinado o termo de doação definitiva do acervo para o Museu Afro-Brasileiro da UFBA, publicado no Diário Oficial do Estado da Bahia, no dia seguinte.

2011, passamos a articular as investigações sobre essa coleção ao nosso programa de orientação em Iniciação Científica e Pós Graduação.<sup>11</sup>

Constrangidos na perspectiva de contextualização, em razão da carência de documentos que suportassem esse processo, nos demos conta da necessidade de ampliar a análise do restante do acervo que compunha o museu (ainda depositado no edifício do Estácio de Lima). Esta nova perspectiva foi se configurando à medida em que nos demos conta de que a questão inicial, da origem do acervo, relacionada à intolerância religiosa e suas práticas é de extrema importância quando estamos tratando esta coleção, mas percebemos também que é importante investigar o contexto expográfico ao qual foram submetidos tais objetos, ao lado de outros tantos, também indevidamente abordados, como aqueles relacionados a movimentos sociais ditos marginais, como o cangaço por exemplo, ou corpos humanos marcados por patologias, identificados a partir da perspectiva da monstruosidade, exibidos no antigo Museu.

Os discursos e os campos semânticos produzidos pela antiga exposição do Estácio de Lima, implicavam-se a questões relacionadas a crimes contra a economia (falsificação de dinheiro, jogos de azar e golpes econômicos), crimes contra a ordem social (cangaço, consumo e tráfico de drogas), teratologia (anomalias congênitas, entre outras), medicina legal (acidentes trágicos e crimes), associando os objetos pertencentes ao universo afro-brasileiro, notadamente o Candomblé, com todas estas questões “desviantes”.

Ao estabelecermos contato com os objetos e documentos que sobreviveram ao fechamento do Museu, a partir da experiência já relatada aqui, por conta da 3ª Bienal da Bahia, ampliamos a percepção sobre o conjunto exposto, sua estrutura espacial e configuração expográfica. Além do acervo que restava, acessamos documentos administrativos, listagens de peças, listagem de organização de vitrines e módulos, relação de etiquetas, entre outros. Este documentos ampliaram nossa percepção sobre a concepção do Museu Estácio de Lima. Ainda que tenhamos tido contato com objetos e documentos, nossas conclusões sobre o contexto expositivo do Estácio de Lima serão sempre aproximações, pois a reconstituição fidedigna da exposição não será possível, por conta da escassez de fontes documentais. No material encontrado (até o momento não tivemos nenhum acesso a documentos relativos ao Museu quando instalado no prédio da Faculdade de Medicina), as informações estão registradas de forma não sistemática. Algumas anotações indicam a distribuição dos módulos no espaço e comentam sobre as peças apresentadas. Com base em tais fragmentos, seguem informações relativas a objetos apresentados (transcrevemos aqui, como amostragem, apenas parte dos objetos listados) em cada módulo (a denominação dos módulos foi atribuição nossa):

---

11 2011/2012 - Projeto de Ações Afirmativas Museológicas do Museu Afro- Brasileiro: Estudo da coleção Estácio de Lima de artefatos religiosos afro- brasileiros; 2012/2015 - Coleção Estácio de Lima - Tratamento, Estudo e Divulgação de uma coleção testemunha da intolerância; 2015/2018 - Coleção Estácio de Lima - Tratamento, Estudo e Divulgação de uma coleção testemunha da intolerância (Estudo da ação da Delegacia de Jogos e Costumes (DJG) a partir do seu acervo documental e notícias de jornais); 2018/Atual - Da coleção à comunicação: Uma proposta de inventário de práticas e discursos museológicos referentes a culturas africanas e afro-brasileiras, em museus da cidade de Salvador. Entre os resultados dessas investigações destacamos a dissertação que orientamos, realizada por Dora Maria dos Santos Galas, intitulada O Som do Silêncio: Ecos e Rastros Documentais de Vinte e Seis Esculturas Afro da Coleção Estácio de Lima, defendida em 2015, no PPGMUSEU/UFBA. Tais investigações foram realizadas articuladas ao Grupo de Pesquisa credenciado pelo CNPq - Observatório da Museologia na Bahia do qual fui líder juntamente com a profa. Dra Suely M. Cerávolo, nas seguintes Linhas de pesquisa - Museologia e Memória Afro-Brasileira e História da Museologia na Bahia. No primeiro semestre desse ano de 2022, encerramos as atividades desse grupo de pesquisa.

## **Módulo - Cangaço**

Vitrine 4 com acervo de Lampião: Duas armas “Luger”, que pertenceram a Lampião; Armas brancas pertencentes a Lampião e seu bando; Corda feita em cobertor “Dorme Bem” com que foi morto um policial que tentou matar o capitão Virgulino (Lampião); Chapéus pertencentes a Lampião e Maria Bonita; Fotografias das antigas cabeças de Lampião e Maria Bonita, com as respectivas máscaras mortuárias; Um chicote denominado de “macaca” e uma palmatória com que Lampião castigava suas vítimas; Colher de prata com a qual Lampião testava a comida contra um possível envenenamento; Quatro embornais confeccionados pelas mulheres dos cangaceiros, em tecido bordado.

## **Módulo - Substâncias ilícitas, Crimes contra o patrimônio e Jogos de azar**

Vitrine s/número com: Amostra de cocaína; Ácido lisérgico em confete; Teste injetável de reação à droga; Psicotrópicos e moderadores de apetite.

Vitrine s/número com: Maconha sobre formas diversas, inclusive licor de Maconha; Cachimbos para o uso da maconha; Formas de tráfico da maconha: balas de hortelã, solas de sapato, caixas de Maisena; Apito usado pelos traficantes para alertar sobre a presença da polícia.

Vitrine s/número com: Litografia - pedra usada na falsificação de selos por uma indústria de charutos no bairro de Itapagipe; Notas de dinheiro falsificado; Passes livres falsificados.

Vitrine s/número sobre jogos (proibidos no passado): Bingo (ou víspora); Jogo de cartas; Antigas pules de “Jogo do bicho”; Jogo de argolas.

## **Módulo - Acervo Médico-Legal**

Primeira vitrine à direita de quem entra: Antigo microscópio, pertencente ao Laboratório Médico-Legal de Nina Rodrigues; Instrumentação cirúrgica do começo do século, de origem francesa, pertencente ao Laboratório Médico Legal de Nina Rodrigues.

Segunda vitrine à direita de quem entra: Crânios lesionados por instrumentos cortu-contundentes; Crânio com trepanação, feita para estudos; Crânio patológico com adelgaçamento da tábua óssea craniana; Crânio traumatizado por bala.

Oitava vitrine à direita de quem entra: Decaptação traumática por trem; Cabeças mumificadas, observando-se o cérebro em uma delas.

Quarta vitrine do fundo: Dois anencéfalos (ausência ou hipoplania do encéfalo, determinando o achatamento da cabeça); Um ciclope (o olho assume a posição no meio da testa).

Quinta vitrine do fundo: Tênia ou “solitária”. Encontrada no estômago de um cadáver; Objetos metálicos, encontrados no estômago de um cadáver; Língua humana.

Sexta vitrine do fundo: Feto com evisceração (má formação congênita com os intestinos a mostra); Xifópagos (duas cabeças em um só corpo).

Sétima vitrine do lado esquerdo de quem entra: Útero miomatoso; Embrião de um mês; Feto de dentro de bolsa, boiando no líquido amniótico; Quadrigêmeos (gravidez múltipla).

Oitava vitrine do lado esquerdo de quem entra: Mega-sigma (intestino aumentado); Coração transfixado por arma branca; Corações transfixados por bala.

Nona Vitrine, à “esquerda” de quem entra: Antigo marcapasso cardíaco; Cálculos biliares; Prótese de Seio (silicone); Feto esqueletizado; Feto do sexo feminino atravessando o desfiladeiro pélvico.

### **Módulo - Departamento de Identificação Civil**

Mesa vitrine com: I – Xerox da carteira de identidade do insigne baiano Rui Barbosa; Carteira de identidade e título de eleitor do Dr. Pedro Melo, 1º diretor e fundador do Instituto que leva o seu nome; Antigas carteiras de identidade. Módulo - Homicídios e violência.

Mesa-vitrine com “Armas Brancas Homicidas”: Punhais - Navalhas – Facas; Mesa-vitrine com “Armas Homicidas” de Fabricação caseira.

Vitrine nº 3: Armas da guerra de Canudos usadas pelos jagunços e federais (tipo “Mannlincher”); Caixa com balas de diversos calibres; Guarda-chuva homicida, ao lado de diversas outras armas e objetos homicidas, inclusive rústicos e domésticos.

### **Módulo - Afro**

I - Oxossi = São Jorge (culto afro-católico) / 2 - Otá = pedra representativa do orixá / 3 - Ochê = martelo bipartido de Xangô (São Jerônimo) / 4 - Ojá = pano da costa africano / 5 - Abebés = leques (dourado e prateado) / 6 - Pembas = pós com os quais são pintadas as cabeças das Yaôs (iniciadas ou filhas de santo) / 7 - Xaxará = vassourinha de Omulu (São Lázaro ou São Roque) / 8 – Guias (colar de orixá).

É preciso destacar que na documentação encontrada com descrição de vitrines e mesas-vitrine, localizamos apenas esta breve referência sobre o acervo de matriz africana. Encerramos esse ensaio, apresentando imagens do acervo, produzidas no âmbito do processo de documentação dos objetos, seguido de um glossário sobre as peças.<sup>12</sup>

Ressaltamos, como afirmado anteriormente, que o objetivo desse ensaio foi, basicamente, apresentar essa coleção de forma preliminar. As informações

12 Glossário produzido a partir das dissertações orientadas por mim *O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e sua Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira*, de autoria de Juipurema Sandes, defendida no Programa Multidisciplinar de Estudos Étnicos e Africanos (Link: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23895>) e *O Som do Silêncio: Ecos e Rastros Documentais de Vinte e Seis Esculturas Afro da Coleção Estácio de Lima*, de autoria de Dora Galas, defendida no Programa de Pós Graduação em Museologia – UFBA. (Link: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18647>)

Primeiras notícias sobre a coleção Afro-Religiosa do Museu Antropológico Estácio de Lima

acumuladas ao longo dessa década de investigações, estão sendo sistematizadas para a produção de um catálogo analítico da coleção e sua trajetória histórica.



EL001 Abebê de Oxum



EL002 Abebê de Oxum



EL 003 Insignia de Tempo



EL 004 Abebê de Iemanjá



EL 005 Corrente de Ibá



EL 006 Agogô



EL 007 Agogô



EL 008 Agogô



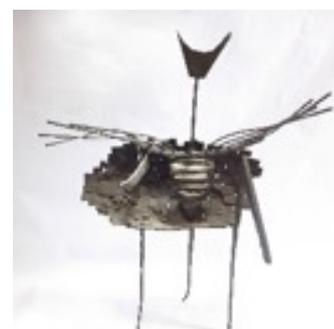
EL 009 Máscara Africana (escultura)



EL 010 Escultura de Exú



EL 011 Ferramenta de Ogum, Ossain e Oxumaré



EL 012 Escultura de Exú



EL013 Escultura de Exú



EL 014 Ferramenta de Ogum



EL 015 Ferramenta de Ogum



EL 016 Ferramenta de Ogum



EL 017 Ferramenta de "Ossain e Ogum"



EL 018 Ferramenta de Ossain



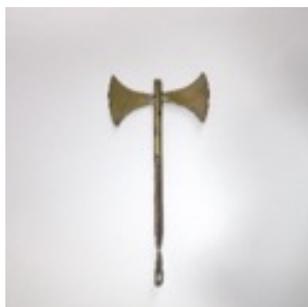
EL 019 Ferramenta de Ossain



EL 020 Mão de Pilão



EL 021 Marcador de Gado



EL 022 Oxê



EL 023 Oxê



EL 024 e EL 025 Pulseira



EL 026 a EL 028 Pulseira



EL 029 Bracelete



EL 030 a EL 033 Pulseira (similares)



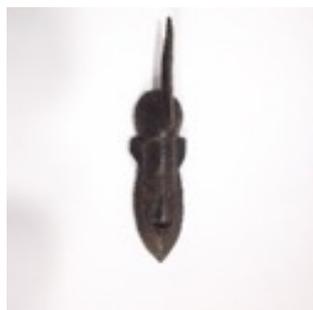
EL 034 a EL 039 Pulseira (similares)



EL 040 Miniatura de Máscara Zoomórfica<sup>13</sup>



EL 041 Miniatura de Máscara Zoomórfica



EL 042 Miniatura de Máscara Antropomórfica



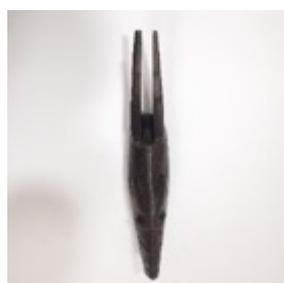
EL 043 Miniatura de Máscara Antropomórfica



EL 044 Miniatura de Máscara Antropomórfica



EL 045 Miniatura de Máscara Antropomórfica



EL 046 Miniatura de Máscara Zoomórfica



EL 047 Miniatura de Máscara Zoomórfica

<sup>13</sup> As peças africanas da coleção Estácio de Lima (EL 040 a EL 062; EL 064; EL 166 a 168; foram estudadas na produção da dissertação intitulada *O Som do Silêncio: Ecos e Rastros Documentais de Vinte e Seis Esculturas Afro da Coleção Estácio de Lima*, de autoria de Dora Galas, orientada por mim, defendida no Programa de Pós Graduação em Museologia – UFBA. Este estudo permitiu reclassificar e renomear objetos do conjunto. Link: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18647>.



EL 048 Figura antropomórfica com cornos



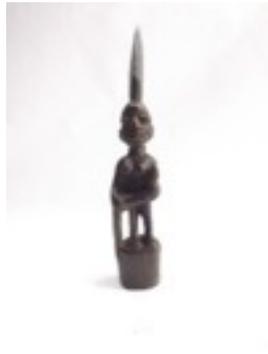
EL 049 Figura antropomórfica com pêndulo



EL 050 Figura antropomórfica com pêndulo



EL 051 Figura feminina com cabeça



EL 052 Figura antropomórfica com pêndulo e faca



EL 053 Figura antropomórfica com serpente



EL 054 Figura antropomórfica com serpente



EL055 Escultura Ibeji



EL056 Escultura Ibeji



EL 057 Busto Feminino com tiara



EL 058 Busto Masculino



EL 059 Busto Masculino



EL 060 Busto Masculino



EL 061 Miniatura de Máscara Antropomórfica



EL 062 Miniatura de Máscara Antropomórfica



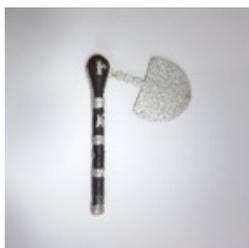
EL 063 Par de Edans



EL 064 Figura Antropomórfica com seios e cabeleira



EL 065 Escultura de Xangô



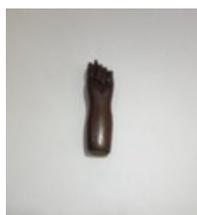
EL 066 Oxê



EL 067 Oxê



EL 068 a EL 072; EL 107 e EL 107 Figa Latina (similares)



EL 073 a EL 079 Figa Latina (similares)



EL 080 a EL 081 Figa Latina (similares)



EL 082 a EL 086 Figa Latina (similares)



EL 087 a EL 088 Figa Latina (similares)



EL 088 Figa Latina



EL 090 Oxê



EL 091 Oxê



EL 092 Oxê



EL 093 Anágua



EL 094.01 Saia de Oxóssi



EL 094.02 e EL 094.03  
Ojá de Oxóssi



EL 094.04 Torço de Oxóssi



EL 094.05 Ilequê de Oxóssi



EL 095 Pano da Costa



EL 096 Pano da Costa



EL 097 Pano da Costa



EL 097 Pano da Costa



EL 099.01 Assentamento de Exu – vaso



EL 099.02 Assentamento  
de Exu - Ferramenta



EL 099.03 Assentamento  
de Exu



EL 099.04 Assentamento  
de Exu



EL 099.05 Assentamento de Exu  
Ferramenta com Base



El 099.06 Assentamento de Exu  
Escultura de Exu



El 099.07 Assentamento de Exu  
Escultura de Exu



El 099.08 Assentamento de Exu  
Escultura de Exu de saia



El 099.09 Assentamento de Exu  
Escultura de Exu de saia



EL 099.10 a EL 099.12  
Assentamento de Exu  
Otá de Exu (similares)



EL 099.13 a EL 099.15  
Assentamento de Exu  
Quartinha com tampa



EL 099.16 Assentamento de Exu  
Incensador



EL 099.17 Assentamento de Exu  
Ferramenta de Exu



EL 099.18 e EL 099.19  
Assentamento de Exu  
Ferramenta de Exu (similares)



EL 099.20 Assentamento de Exu  
Escultura de Exu



EL 099.21 Assentamento de Exu  
Sineta (chocalho)



EL 099.22 a EL 099.25  
Assentamento de Exu - Najé



El 099.26 Assentamento de Exu  
Moedas



EL 100 Oxê



EL 101 Xerê



EL 102 Xerê



EL 103 Xarará



EL 104 Xarará



EL 105 Xarará



EL 106 Xarará



EL 109 Atabaque Lé e Ojá



EL 110 Atabaque Rumpi e Ojá



EL 111 Atabaque Rum e Ojá



EL 112 Atabaque Rum e Ojá



EL 113 a EL 116 Caxixi



EL 117 EL 118  
Laguidibá (similares)



EL 119 Ilequê de Nanã



EL 120 Ilequê de Obá



EL 121 Ilequê de Ogum



EL 122 Ilequê de Oxóssi



EL 123 Ilequê de Xangô



EL 124 Ilequê de Xangô



EL 125 Ilequê de Xangô



EL 126 Ilequê de Xangô



EL 127 Ilequê de Ossain



EL 128 Ilequê de lansã



EL 129 Ilequê de lansã



EL 130 Ilequê de lansã



EL 131 Ilequê de Oxalá



EL 132 Ilequê



EL 133 Ilequê



EL 134 Ilequê



EL 1235 Ilequê de lansã



EL 136 Ilequê



EL 137 Ilequê de Xangô



EL 138 Ilequê de Xangô



EL 139 Ilequê



EL 140 Ilequê de Iemanjá



EL 141 Ilequê de Nanã



EL 142 Ilequê de Oxóssi



EL 143 Fio de contas



EL 144 Fio de contas



EL 145 Ilequê de Oxalá



EL 146 Ilequê de Oxalá



EL 147 Ilequê de Oxalá



EL 148 Ilequê de Oxóssi



EL 149 Fio de contas



EL 150 Fio de contas



EL 151 Porrão



EL 152 Punhal



EL 153 Escultura zooantropomórfica



EL 154 / EL 157 Alguidar (similares)



EL 155 Alguidar



EL 156 Alguidar



EL 158 Escultura reprodução de máscara



EL 159 Porrão com tampa



EL 160.01 EL 160.02 Assentamento de Obaluaê – Quartinha sem tampa (similares)



EL 160.03 Assentamento de Obaluaê – Escultura de São Lázaro



EL 160.04 a EL 160.06 Assentamento de Obaluaê – Maraca (similares)



EL 161, EL 162 e EL 190 Miniatura de Atabaque (similares)



EL 163 Azê



Mocã EL 164



EL 165.01 Assentamento de Oxossi - Quartinha



EL 165.02 EL 165.03 Assentamento de Oxossi – Chifre (similares)



EL 165.04 a EL 165.08  
Assentamento de Oxossi – Prato (similares)



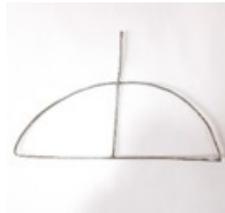
EL 165.09 EL 165.10 Assentamento de Oxossi – Alguidar (similares)



EL 165.11 Assentamento de Oxossi - Incensador



EL 165.12 Assentamento de Oxossi - Ferramenta Oxóssi (Ofá)



EL 165.12 Assentamento de Oxossi - Ferramenta Oxóssi (Ofá)



EL 165.14 Assentamento de Oxossi - Bacia



EL 165.15 Assentamento de Oxossi - Otá



EL 165.16 Assentamento de Oxossi - Imagem de São Jorge



EL 166 Ibeji



EL 167 Ibeji



EL 168 Estatueta ritual antropomórfica



EL 169 Busto feminino



EL 170 Assentamento de Oxóssi



EL 171 Boneca Baiana



EL 172 Boneca Baiana



EL 173 Boneca Baiana



EL 174 Boneca Baiana



EL 175 Boneca Baiana



EL 176 Boneca Iemanjá



EL 177 Boneca Baiana



EL 178 Boneca Baiana



EL 179 Boneca Oxalá



EL 180 Boneca Baiana



EL 181 Boneca Ogum



EL 182 Boneco Ogum



EL 183 Boneco Omolu



EL 184 Boneca Oxumaré



EL 185 Boneco Xangô



EL 186 Boneco Oxóssi



EL 187 Boneca Logun Edé



EL 188 Boneca Oxum



EL 189 Boneca Baiana



EL 191 Imagem de Caboclo Pena Branca



EL 192 Figa Estrela



EL 193 Figa Homem



EL 194 Figa Cruz



EL 195 Figa Homem



El 196 Figa

## Glossário

**Abebê** - Atributo consagrado às iabás (divindades femininas), espécie de leque, confeccionado em metal, em forma circular ou oval, com cabo no mesmo material. Geralmente é ornado e com gravuras em relevo ou recortes. Motivos como peixes, estrelas, corações e sereias são recorrentes. Há ocorrência do uso deste artefato para Oxalufã, em metal prateado e de abebês feitos de outros materiais.

**Agogô** - Idiofone percutido composto por duas ou mais campânulas cônicas de ferro ou folhas-de-flandres, de tamanhos diferentes, unidos entre si pelos vértices através de haste curvada em forma de U. O som é extraído por uma vareta de metal percutida no corpo do instrumento. É também conhecido como Gã.

**Atabaque Lé** – Menor entre os três atabaques utilizados no candomblé, possui o registro mais agudo.

**Atabaque Rumpi** – Maior e mais grave dos atabaques utilizados nos rituais.

**Atabaque Rumpi** – O intermediário entre os atabaques, possui som Médio.

**Azé. Filá (capuz)** consagrado ao orixá Omolu. É confeccionado em palha-da-costa, com longas franjas do mesmo material, ao redor da base, indo até a altura da cintura. Há recorrência do uso de aplicação de búzios e pequenas cabaças

**Corrente de Ibá** - Colar consagrado as iabás, em especial aos orixás Iemanjá, Oxum e Iansã. É confeccionado em metal, variando de acordo com o orixá, em forma de corrente fechada com pinos. São colocadas ao longo da corrente, miniaturas de insígnias e elementos representativos do orixá. Há recorrência do uso desta corrente nos assentamentos desses orixás.

**Ferramenta de orixá** - Atributo sagrado, geralmente confeccionado em ferro, conglomerando signos específicos e representações simbólicas do orixá ou entidade espiritual. É utilizada principalmente em assentamentos.

**Fio-de-contas.** Colar confeccionado em fio de náilon, palha-da-costa ou cordão, perpassando contas de único material ou diversos. Usa-se principalmente contas de vidro, louça e plástico. Nas religiões afro-brasileiras, ganha caráter ritual, distintivo e protetor. Neste universo obedecem a critérios de forma, tamanho, materiais e cores, para usos variados. Destaca-se o uso do fio-de-contas consagrado as entidades. Pode compor, com mais fios, outras variedades de colares desta categoria. Há recorrência do uso de conta especial para fechamento do fio, denominadas de firma.

**Ilequê** - Fio-de-contas simples, formado por única fiada de contas seriadas, por critérios que variam segundo a finalidade. Geralmente as miçangas são da mesma cor ou padrão. Há ocorrência do uso de contas diferenciadas, entremeando a série. Seu tamanho é variado, sendo tradicionalmente confeccionado com o dobro da distância entre o pescoço e o umbigo do iniciado. Também é conhecido com o nome de inhã.

**Insignia** - Artefato que, em seu conjunto, constitui sinal distintivo, que representa seres deificados ou função de dignidade, posto, comando, poder, nobreza, função religiosa.

**Laguidibá**. Colar consagrado aos orixás da terra, Omolu, Obaluaê, Sapatá, Nanã, Oxumaré, entre outros. É confeccionado em cordel ou fibra, com pequenos discos de chifre de búfalo, coco de palmeira ou madeira escura. Há ocorrência do uso de plástico e borracha na confecção dos discos. Há variação na cor branca, consagrado a Oxalá, feitos com discos de concha, marfim ou ovos de ema. Outra variação é o laguidibá feito com disco de coral, consagrado a Iansã. Pode ser fechado com firmas, nas cores do orixá, ou com búzios

**Mão-de-pilão** - Insignia do orixá Oxaguiã. É confeccionado em metal prateado e arranjado em correntes com mesmo material.

**Máscara** - Representação em variados materiais de um ser; espíritos, forças personificadas da natureza. Pode apresentar traços humanos e/ou animais, que no conjunto formal se distinguem conscientemente do ser humano. Designam-se assim também os segmentos de formas complexas de máscaras formados por tecidos, couro e fibras, bem como objetos produzidos segundo esse modelo de reprodução formal, com intenções decorativas ou de adorno pessoal, tais como miniaturas de máscaras ou objetos de decoração.

**Najé** - Prato de barro, cerâmica. Usado no assento de comida para os orixás.

**Ofá**. Atributo sagrado dos orixás caçadores. Espécie de arco e flecha unidos em dois pontos confeccionados em metal. Artefato conhecido também como Damatá.

**Ojá** - Faixa longa de pano usada originalmente para rodear a cintura das mulheres ou sustentar a criança às costas da mãe. É parte integrante do traje de baiana. Nas religiões afro-brasileiras, é usado com diversas finalidades. Compõe o traje de algumas entidades e adeptos, sendo também objeto de distinção. Sua cor, tamanho, forma e ornamentação variam conforme a finalidade. Há recorrência do seu uso como turbante ou rodeando o busto e terminando num laço; amarrada, com um grande laço, ao redor dos atabaques, em cerimônias importantes, e atada ao tronco da árvore sagrada de Iroco. É também conhecido com o nome de Atacã.

**Otá** – Pedra sacralizada, sobre a qual o axé de um orixá é fixado por meio de ritos consagratórios.

**Oxé** - Atributo sagrado do orixá Xangô. Apresenta-se de duas formas. Como bastão, confeccionado em madeira, com escultura de devoto ou sacerdotisa de Xangô, tendo sobre a cabeça um machado com gume duplo, símbolo deste orixá. Pode ser confeccionado com haste em forma de machado com duas lâminas, em metal acobreado.

**Pano-da-costa** - Faixa de tecido de algodão, em formato retangular, usado originalmente por mulheres, como uma espécie de xale. É parte integrante do traje de baiana. Nas religiões afro-brasileiras compõe o traje dos adeptos, sendo

Primeiras notícias sobre a coleção Afro-Religiosa do Museu Antropológico Estácio de Lima

usado sobre os ombros como objeto de distinção. Sua cor, tamanho e ornamentação variam conforme a finalidade e posição na estrutura sócio-religiosa, contudo, é tradicionalmente branco ou bicolor (listrado ou em madras) podendo ser bordado ou com aplicações em rendas. É também conhecido com o nome de alaká.

**Porrão** - Pote de barro bojudo, com a boca e o fundo mais estreitos.

**Xaxará** - Atributo sagrado do orixá Omolu / Obaluaê. Bastão, espécie de vassoura. É confeccionado em palitos de dendezeiro, piaçava ou de palha-da-costa, em forma de pequeno feixe. Este feixe é preso com tiras de pano ou trançados, enfeitado com búzios e miçangas.

**Xerê** - Chocalho relacionado ao culto do orixá Xangô, confeccionado tradicionalmente em cabaça com cabo alongado, é feito de cobre ou folha-de-flandres, com cabo e caixa de ressonância arredondada. Contém sementes em seu interior. Também é empregado como distintivo de poder e status em alguns terreiros de candomblé nagôs.

### Referências

BRITTO, Antonio Carlos Nogueira. A Faculdade de Medicina da Bahia e Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*. p. 63-79. 2006

CARVALHO Filho, José Eduardo Freire de. Memória História da Faculdade de Medicina da Bahia, no ano de 1909 a 1910. Bahia: *Diário da Bahia*. 1910.

FONSECA, L. Anselmo da. Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: *Diário da Bahia*. 1893.

FREITAS, Carlos de. Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, dos acontecimentos mais notáveis ocorridos durante o ano de 1906. Bahia: *Diário da Bahia*.

GAZETA Médica da Bahia. Salvador, Faculdade de Medicina da Bahia, janeiro 1893, ano XXIV, n. 07

GAZETA Médica da Bahia. Salvador, Faculdade de Medicina da Bahia, março 1901, n. 09.

GAZETA Médica da Bahia. Salvador, Faculdade de Medicina da Bahia, abril 1903, vol. XXXIV, n. 10.

GAZETA Médica da Bahia. (1913a). Salvador, Faculdade de Medicina da Bahia, janeiro 1913, vol. XLIV, n.07.

PACHECO, Mendes. Memória História da Faculdade de Medicina da Bahia, no ano letivo de 1907 a 1908. Bahia: *Diário da Bahia*.

RAMOS, Cleidiana. Coleção de peças afro retorna para o DPT. *A Tarde*, Salvador, Ba. 18 jul. 2010. p.A6

RAMOS, Cleidiana. DPT não exibirá peças da cultura e religião. *A Tarde*, Salvador, Ba. 20 jul. 2010. p.A6

SARAIVA, MJ. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concer-  
nente ao ano de 1885. Universidade Federal da Bahia: Salvador, p. 34-38, 1986.

SILVA, Xavier da. Você já foi ao Nina? Salvador: Instituto Médico Legal Nina Ro-  
drigues. 1992.

SUPERINTENDÊNCIA de Cultura do Estado da Bahia. Fax. Salvador: Governo  
do Estado da Bahia. 1999.

*Recebido em junho de 2022.*

*Aprovado em setembro de 2022.*